

Recebido em: 15 de janeiro de 2018
Aprovado em: 14 de junho de 2018
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 15 | n. 2 | p. 23-35 | jul./dez. 2018
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.1642>

CONEXÕES INTER-AMERICANAS: MOBILIDADES CULTURAIS EM OS RIOS PROFUNDOS, DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS, E DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM

INTER-AMERICAN CONNECTIONS:
CULTURAL MOBILITIES IN THE DEEP
RIVERS, BY JOSÉ MARÍA ARGUEDAS, AND
TWO BROTHERS, BY MILTON HATOUM

Ezilda Maciel da Silva

Doutora em Teoria Literária e Literatura (Universidade Nacional de Brasília/Brasil).
E-mail: ezilda.silva@hotmail.com.

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de analisar os romances *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, e *Os Rios Profundos* (1958), de José María Arguedas. A proposta é examinar como as movências, as errâncias, os deslocamentos e os trânsitos migratórios dão visibilidade às diferenças culturais no mundo romanesco destes dois autores. Vista na dianteira dessa zona dialógica, *Dois irmãos* e *Os Rios Profundos* mapeiam alteridades, corpos, línguas e culturas, projetando ainda cenas rizomáticas, fronteiriças e errantes. Pretende-se colaborar para uma compreensão mais ampla e problematizante da diversidade estética/cultural no âmbito das interconexões das (po)éticas da alteridade no contexto latino-americano – lugar residual, de passagens e trocas. Por isso mesmo desperta tantos exercícios interpretativos sobre sua cosmogonia e cosmologia em escala planetária, entrelaçando olhares críticos para traduzir os limites do território das narrativas literárias latino-americanas.

Palavras-chave: Poética. Migração. Literatura. Topografia.

ABSTRACT

The present article has the purpose of analyzing the novels *Dois irmãos* (2000), by Milton Hatoum, and *Os Rios Profundos* (1958), by José María Arguedas. The proposal is to examine how the movements, the wanderings, the displacements and the migratory transits give visibility to the cultural differences in the romance world of these two authors. Viewed from of this dialogical zone, *Dois irmãos* and *Os Rios Profundos* map out alterities, bodies, languages and cultures, also projecting rhizomatic, border and errant scenes. It is intended to collaborate for a wide and problematizing comprehension about the esthetic and cultural diversity in the scope of the interconnections of the (poetics)ethics of alterity in the Latin American context - residual place of passages and exchanges. That's why it arouses so many interpretive exercises about the cosmogony and cosmology on a planetary scale, interlacing critical views to translate the limits of the territory of Latin American literary narratives.

Keywords: Poetics. Migration. Literature. Topography.

1 INTRODUÇÃO

Como todos los otros que componían la lengua de los indios, esos dos sonidos, Def-ghi, significaban a la vez muchas cosas dispares y contradictorias. Def-ghi se le decía a las personas que estaban ausentes o dormidas; a los indiscretos, a los que durante una visita, en lugar de permanecer en casa ajena un tiempo prudente, se demoraban con exceso; def-ghi se le decía también a un pájaro de pico negro y plumaje amarillo y verde que a veces domesticaban y que los hacía reír porque repetía algunas palabras que le enseñaban, como si hubiese hablado; def-ghi llamaban también a ciertos objetos que se ponían en lugar de una persona ausente y que la representaban en las reuniones hasta tal punto que a veces les daban una parte de alimento como si fuesen a comerla en lugar del hombre representado... (SAER).

O excerto acima, extraído da obra *El Entenado*, do escritor argentino Juan José Saer, remete-nos não apenas à beleza existente nas poéticas latino-americanas, mas, sobretudo, a um espaço no qual as topografias geográficas e culturais, transformadas em ficção, reinscrevem histórias que, em certa medida, são as nossas próprias. Com este trabalho, propomos articular duas narrativas oriundas de temporalidades e espacialidades distintas, tendo como ponto de partida o questionamento a seguir referido.

Como aproximar a Amazônia brasileira e o Peru, localizando como ponto de partida o diálogo entre dois escritores de ficção mais representativos dessas territorialidades – Milton Hatoum e José María Arguedas? A pergunta não é apenas retórica, uma vez que as duas regiões se caracterizam como lugares de tradição oral que suportaram processos de colonização distintos, embora, a princípio, tivessem como protagonistas os europeus espanhóis¹.

Ao trançar os fios narrativos de *Os Rios Profundos*, Rômulo Monte Alto lembra “como a ponte sobre o rio Pachachaca ligava as duas bordas naquela região de Abancay, existe uma ponte que interliga as margens entre a cidade letrada, signo do moderno, e a cidade oral, signo da tradição²”. Ao tomar de empréstimo as observações de Rômulo Monte Alto, devemos considerar que as duas regiões (como praticamente toda a América Latina) vivenciaram processos de propagação e conquista territorial a partir de embates com comunidades nativas locais, o que acabou por formatar culturas mestiças de longo alcance.

Num diálogo imaginário e espontâneo entre Saer, Hatoum e Arguedas, podemos pensar que os Def-ghis, de Saer, assim como a América Latina, ficcionalizada nas penas de Hatoum e Arguedas, podem

¹ Interessante notar que a Amazônia brasileira foi inaugurada discursivamente pelos espanhóis (tendo Gonçalo Pizarro à frente, depois Francisco Orellana), de acordo com o Relato de Viagem de Frei Gaspar de Carvajal (1541-1542). No que concerne ao processo de colonização peruano, foram os irmãos Pizarro os aventureiros que estiveram à frente da empreitada colonialista.

² ALTO, Rômulo Monte. **Descaminhos do Moderno**: em José María Arguedas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 142.

nomear e significar muitas coisas. O tudo e o nada de uma história, a força de uma hibridação composta pelo entrelaçar de sentidos que as palavras podem enterrar.

As palavras, atravessadas assim por uma série de outros sentidos e significados passíveis de representação pela língua, literatura – e por que não dizer, por um emaranhado de histórias que convergem para um espaço solidário no qual a América Latina compartilha as marcas de uma colonização inscrita sob a negação da alteridade – dão o *tônus* das culturas estilhaçadas pelas trocas simbólicas em Arguedas e Hatoum.

Espaços repletos de extratos humanos diversos, ora aparentes ora ocultados pela ignorância de gerações de escritores que disseram sobre as línguas, etnias, saberes e conhecimentos indígenas fossem eles amazônicos ou andinos, Amazônia brasileira e Peru andino figuram como complexos cenários em que se ancoram as tramas romanescas.

Com efeito, consideramos que as ficções de Arguedas e Hatoum ancoram poéticas que se abrem e se expandem para captar margens, espaços, sujeitos e, principalmente, figurar um dinâmico processo de interação entre as culturas. De acordo com essa perspectiva poética, será de extrema utilidade as reflexões de Silviano Santiago acerca do processo de apropriação cultural verificado na América Latina. Tais escritas inovam e subvertem imaginários latino-americanos longamente difundidos pelo poder da letra, projetando gestos prospectivos diversos e plurais.

Nessa linha de raciocínio, investigaremos as personagens de Arguedas e Hatoum em procedimentos variados de trânsito e deslocamentos por regiões de tradição oral, de que são símbolos as obras referidas como elementos norteadores deste trabalho. A ideia consiste em demonstrar como as migrações e as interações possibilitam a imbricação de culturas, povos e imaginários.

Assim, nossa proposta é mapear os deslocamentos culturais que estes autores empreendem no espaço amazônico e no ambiente andino, em busca de imagens que possam ensejar novas cartografias identitárias e culturais para essas regiões, o que, na concepção de Silviano Santiago³ (1982), seria entender como esses escritores latino-americanos apropriaram-se dos signos alheios e os transformaram, enriquecendo-os e dando a eles sentidos ulteriores.

Sob essa forma de pensar, os romances *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, e *Os Rios Profundos* (1958), de José María Arguedas, são de basilar importância para trazer novas luzes sobre o continente, vez que o diálogo mais autenticamente fecundo para um romancista *é o que ele trava com outro romancista de sua própria terra ou comarca* (RAMA, 2001, p. 169).

³ SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Os enredos de *Dois Irmãos* e *Os Rios Profundos* dialogam com diferentes áreas culturais e de conhecimento: literatura, cultura, historiografia, geografia, hibridismos diversos, mestiçagem, nomadismo, errância, dentre outros modos e percursos de configuração sociocultural. De forma ampla, os enredos das obras se inscrevem entre as convivências que se dão no espaço sul-americano e que acabam também por conjugar a possibilidade de reler as diferenças, vendo-as como ponte de travessia múltipla para o entrelaçamento de corpos posicionados na fronteira da riqueza cultural da Amazônia brasileira e andina.

Em síntese, as Amazônias⁴ e os Andes peruanos são topografados nessas duas narrativas, buscando mapear o complexo processo de invenção e reinvenção do espaço, observando-o como lugar de inúmeras possibilidades de imbricações culturais.

Em linhas gerais, *Dois Irmãos* apresenta a história de uma família libanesa, marcada pelo ódio entre os irmãos gêmeos Omar e Yaqub, somada ao conflito de Nael, um narrador testemunha cuja trajetória de existência é, em certo sentido, de todos nós, povos amazônicos – estigmatizados, marginalizados e extremamente criativos –, e está marcada por conflitos, confluências incompletudes, combinações irônicas, intempestivas que ligam o passado ao presente, ao passo que também surpreendentemente revelam o encontro entre seres humanos e seus duplos.

A história do narrador Nael, filho da empregada Domingas, índia estuprada por um dos gêmeos, é a de um filho de ninguém, escravo dos afazeres domésticos, servo de todos, relegado a habitar no quintal da casa. Cabe a ele a tarefa de recriar e entender sua própria existência a partir do que ele mesmo presencia, desde os muitos lugares por onde transita.

Já *Os Rios Profundos*, do peruano José María Arguedas, tem como enredo a história do narrador protagonista Ernesto, um menino filho de pais brancos, órfão de mãe, que foi criado por indígenas. Sem a estabilidade do colo materno, Ernesto, desde a infância, viveu uma vida de deambulação ao lado do pai, um advogado itinerante. Sem lugar ou espaço definido, os dois migram de aldeia em aldeia, cruzando o “Peru e os Andes de leste a oeste, de sul a norte” (ARGUEDAS, 2005, p. 12), até que o pai decide deixá-lo em um internato em Abancay, lugar onde passa parte de sua infância e adolescência.

A riqueza e precisão de detalhes apresentadas por Ernesto deixa ver um espaço cultural povoado pela presença de alteridades que se entrecruzam até formar um emaranhado de múltiplos sentidos. São muitas as culturas e as línguas coexistindo num mesmo espaço geográfico: o indígena, branco, mestiço, estrangeiro, dentre outros.

⁴ A opção pela expressão *Amazônias* é originária do trabalho do pesquisador mexicano Serge Gruzinski – **O pensamento mestiço** (2001).

[...] Claro! A virgem de Cocharcas caminha carregada pelo seu *kimichu* nas aldeias de índios e mestiços, de senhoras e senhores crentes. Os servidores da virgem não falam senão quíchua. Nas cidades ela percorre os bairros; entra na catedral ou na igreja principal, ou pára no átrio, um instante, em homenagem ao templo e vai embora. [...] Mas ali, em Abancay, cheia de soldados, e daqueles guardas de esporas e de perneiras brilhantes, de senhores recém-chegados que olhavam o povo dos bairros com uma fisionomia tão enjoada como a de um mordomo de grande fazendeiro [...] (ARGUEDAS, 1958, p. 169).

Nesta passagem, os trânsitos interculturais trazidos na narrativa ocorrem em meio ao elemento indígena. Nele, a mistura de religiões, línguas, crenças e imaginários põem em contato estrangeiros, migrantes, indígenas, dentre outros grupos étnicos.

Num outro campo perceptivo e com semelhante pujança, observamos nas duas narrativas a presença de espaços repletos de sensações, sons, aromas, gostos e paladares apreendidos desde os quintais, ruelas, becos, bares, portos, pontes, rochedos, chincerías, que acabam por cunhar representações sensoriais potentes, capazes de acentuar contatos entre culturas oriundas de lugares diversos. Estamos propriamente no âmbito das trocas culturais, como podemos verificar no exemplo abaixo.

Àquela hora, sentíamos com mais intensidade o cheiro da folhagem úmida, dos cachos das frutas das palmeiras, das jacas maduras. Yacub gostava de esperar o sol nascer, gostava de acompanhar a mudança de cor da vegetação que emergia da noite e se iluminava lentamente (HATOUM, 2000, p. 148).

Ou ainda:

[...] mas sobre algumas cercas muito altas, bordejando huanupata, penduravam seus galhos alguns pés de limoeiro-real; mostravam seus frutos maduros ou verdes, no alto [...] O limão grande de Abancay, grande, de casca grossa e polpa comestível, fácil de descascar, contém um suco que misturado com *chancaca* forma a iguaria mais delicada e poderosa do mundo. Arde e adoça. Alegre (ARGUEDAS, 1958, p. 261-262).

Nesses dois fragmentos textuais, as urdiduras ficcionais tecem distintas sensações peculiares ao espaço andino e amazônico. Embora notadamente locais, essas figurações globalizam-se na medida em que os cheiros e sabores propiciam memórias que o sujeito carrega onde quer que ele esteja, gestando inclusive interações com a natureza, vez que "... esses elementos, não se apresentam separados da espécie humana, mas relacionados com ela, acompanhando-a de alguma maneira na edificação da cultura" (RAMA, 1982, p. 164).

Nesta mesma margem discursiva, o pensador argentino Walter Dignolo (2014), no livro *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options* traz importantes contribuições para a

compreensão das cosmogonias e cosmologias na América Latina. Para o estudioso, a modernidade trouxe muitas formas de exclusão de outros saberes. Como por exemplo, a colonialidade pautada num mundo policêntrico de matriz etnocêntrica, organizada em várias frentes de controles, todas inter-relacionadas. Somadas, essas frentes ajudaram a romper a relação homem/natureza de modo a subsidiar os vetores mais fortes da conquista:

Take, for instance, the question of 'nature' (which could also be flagged as the fifth domain of the colonial matrix, rather than consider it as part of the economic domain). During the past ten years, the question of nature has been debated in the collective modernity/coloniality. Shall we consider nature as a fifth sphere [...] Now, this is part of the struggle for the control of the colonial matrix of power based on the concept of 'nature' or, on the contrary, delinking from it by arguing decolonially on the basis of the concept of 'Pachamama' (MIGNOLO, 2014, p. 10).

Ainda segundo o estudioso:

[...] when in 1590 the Jesuit Father José de Acosta published *Historia natural y moral de las Indias*, 'nature' was, in Christian European cosmology, something to know; understanding nature was tantamount to understanding its creator, God. But the Aymaras and Quechuas had no such metaphysics; consequently, there was no concept comparable to the Western concept of 'nature'. Instead they relied on 'Pachamama', a concept that Western Christians did not have. Pachamama was how Quechuan and aymaran *amauta* and *yatiris* – *amauta* and *yatiris* were the silenced intellectual equivalents of *theologian* (Acosta) – understood the human relationship with life, with that energy that engenders and maintains life, today translated as mother earth. The phenomenon that Western Christians described as 'nature' existed in contradistinction to 'culture'; furthermore, it was conceived as something outside the human subject (MIGNOLO, 2014, p. 11).

Outra questão a considerar diz respeito a que o Pachamama não encontra precedente na cultura judaico-cristã; logo, a ausência desses saberes altera completamente as formas de atuar e compreender cosmogonias e cosmologias de outros povos não pertencentes a essa cultura.

Aplicado ao contexto representativo da Amazônia e dos Andes, podemos dizer que essa relação homem/natureza é vividamente percebida nas formas com que os narradores interagem com o espaço. São imagens de uma relação marcadamente imbricada entre natureza, homem e paisagem.

[...] eu que sentia tão meu até mesmo o que era alheio; eu não podia pensar, quando via pela primeira vez um renque de belos salgueiros, vibrando à orla de um curso de água, e essas árvores eram alheias! Os rios foram sempre meus; os arbustos que crescem nos sopés das montanhas, mesmo as casas das aldeiazinhas, com seu telhado vermelho cruzado com riscas de cal [...] A água se agitava sob as pedras. Nos remansos,

quase ocultos debaixo da sombra das rochas, nadavam, como agulhas, alguns peixes prateados e velozes (ARGUEDAS, 1958, p. 61).

Outra imagem não menos importante se deixa ver nos movimentos dos narradores pelas ruas de Manaus e Abancay. Nesses espaços, a interação e a mistura de povos expõem diferentes manifestações linguísticas.

Uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajes e aparências. Juntaram-se na igreja Nossa Senhora dos Remédios e juntos ouviram a homilia do padre Zoraier. Halim me mostrou o álbum do casamento, de onde tirou uma fotografia que apreciava [...] (HATOUM, 2000, p. 54).

Ou ainda:

Nesse bairro viviam as vendedoras das praças dos mercados, os peões e carregadores que trabalhavam em ofícios citadinos, os guardas, os empregados das raras casas dos comércios; ali estavam as hospedarias onde se hospedavam os litigantes dos distritos, os arrieiros e os viajantes mestiços (ARGUEDAS, 1958, p. 62).

Esses dois fragmentos textuais descrevem lugares específicos de um mesmo continente andino e amazônico, composto por extratos humanos ricos na sua diversidade, como os indígenas, imigrantes, nacionais dentre outros estrangeiros, todos se imbricando mutuamente através de processos de revides e outros modos de transações.

Quanto ao tempo, percebemos que os acontecimentos situam-se metaforicamente no campo de variáveis do tempo linear cronológico, ao mesmo tempo em que se articulam ao tempo da alma. Uma façanha que, segundo Paul Ricoeur (2012), somente é possível nas narrativas, isto porque elas abrigam um conjunto de acontecimentos num instante. Ainda Segundo Ricoeur, as narrativas vencem o tempo, congregam e conciliam uma ordem/desordem temporal na medida em que narrar é ressignificar o mundo, refazer/perfazer as ações.

Logo, as topografias nessas duas narrativas conjugam temporalidades distintas, ao passo que trazem para o texto imagens impregnadas pelo som de muitas línguas, sabor de chicha, perfume de açucenas ou acácias se espriam por bairros inteiros, cidades até, perdendo-se no labirinto de rochedos, cordilheiras, palafitas, sensações quase sempre alheias ao tempo cronológico.

São imagens da riqueza e ambivalência de um território no qual sua geografia propicia encontros reais e simultaneamente simbólicos, onde pessoas se encontram, se acham, se perdem, se unem, entretecendo histórias e identidades construídas por meio de poéticas diversas e em outros territórios, com configurações históricas geográficas próprias.

Ainda sobre as passagens citadas acima, percebe-se que os lugares de encontros estão marcados pela existência de culturas que florescem e se dinamizam a partir de suas trocas. O que estamos dizendo é que as relações de mobilidades, inerentes aos deslocamentos dos sujeitos, funcionam como práticas geradoras de “*zonas de contato*” - usamos aqui a feliz expressão de Mary Louise Pratt (2013, p. 17) - lugares nos quais “pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas geralmente associadas às circunstâncias de desigualdade radical”⁵.

São contatos que proporcionam trocas de bens culturais e simbólicos que resultam num emaranhado que Édouard Glissant nomeou de poética do *caos-mundo*, ou seja, “o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre culturas dos povos na totalidade do mundo contemporâneo” (GLISSANT, 2005, p. 98). Como esses artifícios, o elo entre tradição e modernidade se articula na obra de Arguedas e Hatoum.

Ainda por esse viés, o pensador antilhano sugere que a totalidade na contemporaneidade não mais aceita a fragmentação, ao contrário, impulsiona as mobilidades e as interações entre os sujeitos e os espaços, proporcionando ao homem contemporâneo um entrelaçar de outros já emaranhados espaços simbólicos e culturais, impensável do ponto de vista da fixidez das geografias simbólicas, culturais e, conseqüentemente, dos sujeitos.

Nesta mesma direção, e num contexto ainda mais amplo, Silviano Santiago afirma que o escritor latino-americano não pode limitar-se à ingenuidade de reproduzir um modelo preestabelecido, mas também deve libertar-se das amarras de uma escritura presa a modelos canonizados.

O imaginário, no espaço do neocolonialismo, não pode ser mais o da ignorância ou da ingenuidade, nutrido por uma manipulação simplista dos dados oferecidos pela experiência imediata do autor, [seus escritos devem se afirmar] mais e mais como uma escritura sobre outra escritura (SANTIAGO, 2000, p. 21).

A reflexão que este pesquisador apresenta sobre o fazer literário do escritor latino-americano é de extrema importância para pensarmos nos textos de Hatoum e Arguedas. Neles, a escrita literária encontra-se definitivamente associada a elementos históricos, geográficos e antropológicos, e não pode mais limitar-se a reproduzir geografias humanas incapazes de conter experiências babélicas e trans/disciplinares.

⁵ PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império** – relatos de viagem e transculturação. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Revisão técnica Maria Helena Machado, Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 31-32.

Nos dois enredos, os narradores transitam por territórios híbridos, justamente entrelaçando esses elementos de forma a subverter um pensamento isolacionista e simplista. Nessas representações, há diversas regiões históricas povoadas de sujeitos transportando experiências pertinentes às geografias diversas. Emergem dessas experiências extraordinárias burburinhos de línguas diferentes que povoam as ruas de Abancay e Manaus, dando a medida das identidades particulares gestadas desde a América Latina.

Neste sentido, podemos dizer que os enredos de *Dois Irmãos* e *Os Rios Profundos* são usados como reação a uma retórica fechada sobre a América Latina, de modo que novas ordens planetárias são expostas como opção de compreensão baseadas na pluriversalidade e na mobilidade contidas nas/pelas errâncias dos sujeitos locais e globais.

Outro exemplo se dá a partir dos trânsitos do narrador Nael. Com ele, surgem lugares culturais, históricos e físicos formados por extratos humanos que se imbricam ao extrato migrante, estrangeiro, indígena de diversas regiões do globo. Como percebemos em Rochiram, a personagem *indiana que falava devagar, sussurrando em inglês e espanhol as frases que pensava dizer em português* "[...] e que vivia em trânsito, construindo hotéis em vários continentes. Era como se morasse em pátrias provisórias, falasse línguas provisórias e fizesse amizades provisórias" (HATOUM, 2000, p. 169).

Dos passeios solitários de Ernesto, ouve-se mais que o barulho das águas contra os rochedos, ou o canto do zumbaylo encantado espalhando sua magia; o que também se desenha são contatos, identidades, alteridades e diferenças, abordadas num contexto no qual a convivência forja a intersecção entre múltiplas culturas.

Relações marcadas por traços de aceitação, estranhamento entre sujeitos, espaços díspares, interacionados, fazendo brotar poéticas culturais híbridas.

O Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo (HATOUM, 2000, p. 33).

Judeus, marroquinos, franceses, espanhóis, portugueses, ribeirinhos, caboclos, todos coexistindo interagindo, dinamizando as trocas gastronômicas e linguísticas que esses encontros no Biblos proporcionavam.

Já no enredo de *Os Rios Profundos*, as chincerías, embora lúgubres, abrigam encontros de índios, cholos, gentes de outras províncias como Cajamarca, Huancavelica, Collao, habitantes das comunidades de Huaraz, todos também coexistindo e interagindo num mesmo espaço social e cultural.

Então os olhos dos arpistas brilhavam de alegria; chamava o forasteiro e lhe pedia que cantasse em voz baixa [...] o violinista apreendia e tocava; a harpa acompanhava. Quase sempre o forasteiro corrigia várias vezes: 'Não; não é assim! Não é desse jeito!'. E cantava em voz alta, tentando impor a verdadeira melodia. Era impossível. O tema era idêntico, mas os músicos transformavam o canto num *huayno* do Apurímac de ritmo vivo e terno (ARGUEDAS, 1958, p. 63-64).

Nesses lugares, imagens e derivativos se transformam em sons poéticos, audíveis em meio a uma multiplicidade de vozes tão distintas quanto diversas, vozes que se convertem elas mesmas em objeto de representação. Voz e letra juntas, quer dizer, tradição e modernidade formatam ricas zonas de contatos dialógicos, peçadas de significados.

Chama-se *amank'ay* a uma flor selvagem de corola amarela e *awankay* ao balançar das grandes aves. *Awankay* é voar planando, olhando para profundidade. *Abancay!* Deve ter sido uma cidade perdida entre bosques de *pisonayes* e de árvores desconhecidas, num vale de milhares imensas que chegam até o rio (ARGUEDAS, 1958, p. 35).

O fragmento acima evoca reminiscências de topografias concretas e imaginadas a escoar da voz narrativa. O artifício acionador das reminiscências trazidas são as mobilidades, isto é, os trânsitos pelas paisagens imensas no entorno do rio. No fragmento em tela, o rio da cidade perdida se transforma na metáfora que fertiliza o *vale de milhares*.

Em outro fragmento textual, observamos o personagem Nael transitar por territórios híbridos, compostos pelas histórias das culturas, representados por um burburinho de línguas diferentes que povoam as ruas de Manaus, a oferecer a medida das identidades particulares gestadas não apenas na Amazônia brasileira, mas em praticamente toda a América Latina.

[...] catraieiros à espera da primeira travessia, carregadores seminus, garapeiros e vendedores de frutas que armavam tendinha de lona. Ela, elegante dos sapatos ao chapéu, usava um vestido sóbrio, cinzento, mais propício a uma solenidade noturna a um encontro matinal num cais [...] (HATOUM, 2000, p. 175).

Desse ponto de vista, os deslocamentos culturais surgem como elos de acesso a essas "zonas", onde a separação e a segregação das culturas dão lugar a muitas outras alteridades culturais, que se amalgamam até formar novas áreas culturais, através do exercício de negociação e reformulação contínua de práticas econômicas ainda mais complexas, que são geradas performativamente prenes de sentidos.

Nessas brevíssimas considerações finais, retomamos o tema do trabalho "Topografias das mobilidades culturais em *Os Rios Profundos*, de José María Arguedas e *Dois Irmãos*, Milton Hatoum" a

fim de reafirmar que o olhar do cartógrafo é, antes de tudo, mapear um território e explorar a natureza, percorrendo espaços e neles identificando lugares – recortes do território dotados de sentidos, aos quais se nomeia, precisando os significados – ou descobrindo paisagens, essas frações do espaço organizadas pela estética do olhar; cartografar é, portanto, para usar a feliz expressão de Pesavento (2005), uma atividade simbólica de representação do mundo, e os deslocamentos culturais dos sujeitos mostram como é possível instaurar novas imagens do espaço latino sem o ranço nefasto do colonialismo.

Fechamos este breve trabalho trazendo mais um fragmento textual de *Dois Irmãos* em que a mobilidade cultural dá lugar à mutação sinestésica da natureza, em singular fusão a *iluminar lentamente* Yacub.

Àquela hora, sentíamos com mais intensidade o cheiro da folhagem úmida, dos cachos das frutas das palmeiras, das jacas maduras. Yacub gostava de esperar o sol nascer, gostava de acompanhar a mudança de cor da vegetação que emergia da noite e se iluminava lentamente (HATOUM, 2000, p. 148).

O percurso das mobilidades culturais figuradas no universo da letra arguediana e hatouniana, portanto, pode-se revelar no testemunho das trocas culturais trazidas no bojo das travessias de sujeitos de vidas plurais que andam para além de si, mapeando as zonas de diálogo com a bacia cultural latino-americana.

REFERÊNCIAS

ALTO, Rômulo Monte. **Descaminhos do Moderno**: em José María Arguedas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ARGUEDAS, J. M. **Os ríos profundos**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1958.

CORNEJO POLAR, A. **Escribir en el aire**. Lima: Editorial Horizonte, 1993.

CORNEJO POLAR, A. **O condor voa**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

C. DE MELO-LEITÃO. **Descobrimientos do Rio das Amazonas**. Gaspar de Carvajal – Relação de Carvajal, Tradução de C. de Melo-Leitão. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

----- . **Poética da Relação**. Tradução Manuela Mendonça. Portugal: Porto Editora, 2011.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MIGNOLO, W. **The darker side of western modernity: global futures, decolonial options**. London: Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, W. Novas reflexões sobre a "idéia da América Latina": a direita, a esquerda, e a opção descolonial. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, mai./ago. 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Um historiador nas fronteiras**. O Brasil de Sergio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império** – relatos de viagem e transculturação. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Revisão técnica: Maria Helena Machado, Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Ricoeur, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RAMA, Angel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In. AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Tradução de Raquel Corte dos Santos, Elsa Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

----- . **Transculturación narrativa en América Latina**. México: Siglo Veintiuno, 1982.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Introdução: Mário Vargas Llosa. Prólogo: Hugo Achugar. Tradução: Emir Sader. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.